

Alternância

Consiste numa formação com períodos alternados de vivência e estudo na Escola e na Família, acompanhados pelos monitores. Este regime permite uma formação global onde a experiência e a sistematização ficam sempre presentes; da experiência brotam os novos conhecimentos que são retomados pela Escola para aplicação imediata em outras situações de aprendizagem.

Por este regime

"fica estabelecida a continuidade das atividades. A aprendizagem deixa de ser considerada como algo descontextualizada, mas recebe um significado a partir dos contextos onde é imediatamente aplicada" (MEPES, 1976 a, p. 40).

O sistema de alternância surgiu em 1931, para educar filhos de agricultores sem tirá-los do meio ambiente. Segundo Charpentier (1975), a experiência mostra que o ritmo de uma

semana na Escola e duas semanas na propriedade familiar é conveniente, sendo escolhido tanto por razões práticas como pedagógicas.

No início, esse sistema consistia em estabelecer uma relação vida-ensino, procurando também por meio da metodologia da ação católica de VER-JULGAR-AGIR, a educação da consciência. Depois, com o crescimento das Escolas-Família, surgiu a linha de refletir sobre a realidade do aluno.

"A alternância é a porta da Escola aberta à vida e a porta da vida aberta à Escola" (MEPES, 1976 a, p. 113). Através da alternância o aluno analisa sua realidade por meio de várias atividades durante os períodos escolares e de observações constantes nos períodos que passa com a família, podendo assim ter uma visão crítica dessa realidade. Fundamenta-se na constatação de que não podem coexistir, de modo estanque, dois tipos de educação - a recebida no meio ambiente (transmitida pela família e comunidade) e a educação formal proporcionada pela Escola - pois o jovem só aproveitará seu tempo de educação-formação se estiver motivado.

Para os alunos, a alternância se desenvolve em dois tempos:

- na Escola, em regime de internato;
- na propriedade agrícola dos pais, participando em todos os aspectos da vida familiar e dos trabalhos agrícolas, realizando observações e aplicações práticas, fruto da orientação recebida na Escola.

"A alternância tem como fim responder à problemática

ca do mundo real. Com efeito, o jovem deve participar dos principais trabalhos da propriedade paterna o que torna impossível ir à escola e fomentar a deserção" (Cujó, 1976, p. 114).

Um questionamento feito é o de que o aluno da Escola-família passa apenas uma semana na Escola e duas semanas no seu meio de vida, ou seja, em tal sistema os alunos estariam na Escola de 13 a 14 semanas e o resto do tempo em férias. É evidente que isto não ocorre pois esta alternância escola-meio de vida constitui uma verdadeira pedagogia da ação, tratando-se pois de um sistema de formação contínua, "de um verdadeiro método pedagógico" (Chartier, 1973, p. 16).

Durante o período que passa em seu ambiente familiar, o jovem não é um observador passivo. Ele deve participar por sua ação útil e autêntica na vida adulta.

Existem duas condições necessárias para a conquista dessa pedagogia:

1^ª) É a formação de uma associação das famílias responsáveis. A gestão é assegurada por um Conselho Administrativo formado nesta associação compreendendo pais de alunos, ex-alunos, alunos e pessoas da comunidade. Esta organização é indispensável à inserção da Escola-Família no meio e à expressão das necessidades do meio. Ela permite principalmente aos pais e monitorar e descobrir as necessidades dos jovens para compreendê-los e ajudá-los, a fim de que, durante sua estada na família ou na Escola, estes jovens encontrem constantemente a resposta às suas necessidades de adolescentes.

2^ª) Um clima de livre responsabilidade - Progresso

vamente os jovens são convidados a encarregar-se da Escola. Eles são divididos em pequenos grupos que se revezam na manutenção do prédio, na organização das tarefas, no cuidado da horta e outras atividades.

A situação educativa criada pela Escola-Família é complexa. A vida que o aluno leva não representa uma situação unificada, planejada, mas corresponde a diversas situações, que o provocam, retêm sua atenção, incitam-no a reagir, nutrem seu pensamento. É preciso não somente viver estas situações, mas destacar delas as inferências, esclarecer-lhes as contradições, decifrar-lhes as mensagens, reconhecer as significações. Em suma, o problema da EFA é de tornar educativas estas situações.

Será preciso ver em que medida esta pedagogia da alternância praticada pelas Escolas-Família concretiza a forma de escolarização mais adequada a esse público escolar e social: os filhos de agricultores.

A alternância tem o mérito de adaptar-se à dispersão do "habitat" rural e às exigências de trabalho nas propriedades familiares. Por esta razão é importante a inserção do jovem em seu meio de vida: um meio que lhe ofereça uma segurança e que lhe permita refletir sobre si mesmo e sobre ele para se definir de seus próprios critérios.

Por esta razão, a individualização do ensino, *conveniente* e necessária no terreno dos métodos didáticos, não tem *nada* a ver com uma hipotética consideração do indivíduo isolado.

Ensino individualizado se dirige a um jovem integrado em uma família e em uma sociedade. Este contexto familiar e social tem

um claro valor educativo; a vida em sociedade é uma constante aprendizagem de condutas e de valores.

O período na Escola é uma reflexão sobre a vida e pode-se até chegar a afirmar que a reflexão que se faz na Escola é um valioso instrumento para a formação dos próprios pais. A alternância permite que os conteúdos de ensino da Escola-Família sejam verdadeiramente vinculados ao meio de vida do aluno. Não se deseja apenas que, durante o período com sua família, o aluno faça os experimentos que não pode fazer na Escola, mas também que trabalhe como tem feito sempre e incorpore a este trabalho as interrogações e as preocupações que lhe são sugeridas na Escola. Daí a importância dada ao diálogo entre alunos e monitores. Não tanto para que estes proporcionem dados e respostas, mas para que se crie um ambiente interrogador, inconformista. A Escola-Família trabalha sobre este critério básico: provocar a interrogação do aluno sobre o ambiente que já experimentou.

A pedagogia das Escolas-Família não é e não pretende ser uma pedagogia universal, mas sim uma tentativa para resolver alguns problemas das zonas rurais. Na Escola-Família a aprendizagem se processa do mais concreto ao mais geral: da prática diária se vão induzindo os princípios gerais que ajudarão a discernir os diversos usos de práticas agrícolas.

Cada uma das fontes didáticas cumpre sua função particular: o trabalho proporciona o que há de mais fundamental: a experiência; a Escola orienta e organiza esta experiência. A ação da escola sobre o aluno é sempre posterior à experiência vivida e à sua reflexão.

A alternância não tem por objetivo transformar os

pais em repetidores da Escola; o jovem é autor de sua própria formação. Os pais e monitores procuram incentivá-lo e guiá-lo, mas, torna-se necessário que o jovem participe da vida de sua casa e que se interesse em como melhorar seu meio ambiente.

Hervas (1976) afirma que através da alternância o aluno contribui para o trabalho agropecuário de sua propriedade. Em muitos casos o adolescente não podia cursar uma escola porque toda a família precisa se empenhar no trabalho de propriedade, não podendo prescindir dessa mão de obra.

Duffaure e Robert (1955), com relação à dúvida sobre se a permanência na Escola e a permanência com a família põem em risco toda uma formação, esclarecem que tal não ocorre:

"primeiramente porque a experiência não mostrou ruptura no espírito dos adolescentes, isto sendo devido realmente à atmosfera da Escola que é, pode-se dizer, muito mais uma associação voluntária de jovens que um internato obrigatório. Em seguida e sobretudo, porque a elaboração do Caderno de Exploração Familiar, [Caderno de Propriedade] cria entre os dois períodos-familiar e escolar um elo orgânico muito intenso" (Duffaure et alii, 1955, p. 22).

A alternância reconhece o valor do meio como instrumento pedagógico e o utiliza; o conhecimento é menos considerado que a aquisição de atitudes: raciocínio, observação, julgamento; o período escolar não se apresenta mais como o principal elemento da educação.

Com base nisto, considera-se que o conhecimento não se adquire somente na escola e não é apenas o ato do professor mas também dos métodos escolares, a vida é educadora e o jovem desde o princípio, se educa a si mesmo. A vida é também forma.

dora: o aluno adquire uma série de informações na família, no bairro e no meio.

Acrescenta-se ainda que o aspecto relacionado à realização geográfica da EFA, é a consequência natural e indissociável da alternância e de sua base familiar. A responsabilidade individual e coletiva dos pais, só acontece com uma Escola pedágoga, uma Escola que seja sua expressão e não a expressão de 'elite'. Se o fundamento dessa Escola é essa relação com o meio não se pode concebê-la como um estabelecimento escolar que se baseia sobre o conhecimento anônimo, e que é cortado desse meio, diferente a ele.

O monitor deve portanto manter estreitas relações com a comunidade e principalmente com os pais. É uma responsabilidade tão importante quanto o trabalho na Escola. Este processo exige certas condições dos monitores como: empatia, que põe a valorização da pessoa do campo e das comunidades; convivência, devendo visitar os alunos no período da alternância, a fim de orientar os pais para a participação no processo educativo bem como conhecer sua linguagem, preocupações e costumes.

Conclui-se que os monitores devem elaborar e praticar uma verdadeira 'metodologia de animação' para os pais. É um trabalho que exige técnicas e compromissos. Dentro desse contexto, a Escola torna-se um serviço educativo da comunidade e atua dentro de ação da mesma.

Em resumo, a pedagogia da alternância permite:

- uma educação geral - põe o adolescente frente a uma situação, permitindo-lhe encontrar respostas às suas necessidades.

ções. Durante os períodos na família cada jovem vive uma experiência, em situação real, em contato com os adultos. Esses períodos ocasionam atos, reflexões, responsabilidades que suscitam perguntas. Este engajamento pessoal num meio real constitui, pois, o trampolim da formação. A partir da tomada de consciência dos problemas, das questões propostas, uma formação realista e livre torna-se possível. Ela engloba o conjunto das relações que cercam o jovem.

- Uma formação e uma educação global de cada jovem - isto é, não somente de um saber mas do conjunto de suas capacidades, de sua personalidade. Ela permite a cada um usar seu potencial próprio no que ele tem de original e de único.

- Uma orientação - ao mesmo tempo que o jovem domina progressivamente uma determinada situação, ele descobre seu gosto, suas atitudes, podendo assim situar-se em seu trabalho e sua exploração. A caracterização do funcionamento do sistema de alternância pode ser observado na figura 1.